

## EU/ELE E AS VISÕES DO MUNDO DE E EM GRACILIANO RAMOS

Giovanni RICCIARDI<sup>33</sup>

Minha comunicação tenta responder à pergunta: por que nos primeiros três romances – *Caetés*, *São Bernardo e Angústia* – o autor usa a 1ª pessoa e no último, *Vidas secas*, passa para a 3ª? Apenas uma opção estilística ou também ideológica?

Ronald de Carvalho em sua *Pequena história da literatura brasileira*, apresentando José Veríssimo, autor da fundamental *História da literatura brasileira* (1916), escreve: “apenas via a obra e nunca o homem, exaltava ou condenava o escritor sem se importar com a sua categoria social ou mesmo literária. O autor para ele era uma figura secundária, sem interesse imediato, a não ser quando havia na sua vida *um ou outro pormenor* [negrito meu] que pudesse explicar com mais segurança certas particularidades da obra” (Carvalho, 1984: 268).

Gosto muito dessa passagem acerca do pormenor, pois eu também estou sempre mais convencido da importância do “acidente” biográfico, do pormenor, na interpretação de um texto.

“Acidente, é ideologia; é classe de origem, é formação, é condição econômica, relacionamento com coisas e pessoas, família, carreira paralela; é linguagem. Acidente é história. Claro que os acidentes não explicam o texto, que entre o texto e, por exemplo, a biografia há uma relação “superficial e mentirosa”, como afirma o narrador-escritor de *Bufo & Spallanzani* (Fonseca, 1985: 235). O riso, a ironia, o drama, as máscaras de um texto contradizem qualquer história e projeto individual. Mas, às vezes, é o conhecimento das variáveis históricas, dos “acidentes”, que permitem compreender uma obra ou as mudanças na trajetória de um autor.

É lançando um SOS à biografia de Graciliano Ramos que eu encontro o *pormenor* que modificou a sua ideologia e a sua escrita: esse pormenor é o cárcere, de março de 1936 a fevereiro de 1937, porque acusado de comunismo.

---

33 Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”. [gioricciardi@yahoo.it](mailto:gioricciardi@yahoo.it)

Graciliano comunista não era – tinha alguma simpatia pela Aliança Nacional Libertadora – era porém um pessimista ou como disse Milton Hatoun, abrindo a Flip, edição 2013, “um pessimista radical”, e assim também entende a maioria dos críticos do autor alagoano<sup>34</sup>. Eu acrescentaria *moralista*. Era um pessimista moralista. Um moralista vê, sente, aponta o bem; individua e define comportamentos. Há um perigo: que suas palavras não consigam o objetivo; há o perigo de ele continuar a gritar ao vento e inutilmente. Aí, o moralista religioso apela para a misericórdia e os castigos de Deus, para o inferno ou o paraíso, enquanto o leigo, o não crente se refugia no “homo homini lupus” e no destino. Vendo-se impotente, torna-se pessimista ou ainda mais pessimista. Este pessimismo é que caracteriza os seus primeiros três romances, contaminando fortemente os protagonistas. Estes, traçando um balanço da própria vida reconhecem-se uns vencidos, uns inúteis.

Afirma João Valério de *Caetés*: “Que sou eu senão um selvagem, ligeiramente polido, com uma tênue camada de verniz por fora?” (Ramos, 1961: 268)

E Paulo Honório de *São Bernardo*: “O que estou é velho. Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objectivo a maltratar-me e a maltratar os outros... Cinquenta anos! Quantas horas inúteis. Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê.” (Ramos, 1961, p. 216).

Luís da Silva, de *Angústia*, confirma a falência: “Vivo agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos, que emagrecem. As mãos já não são minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis.” (Ramos, 1961, 5).

Algo de importante tem acontecido naqueles dez meses de prisão. Em primeiro lugar o confronto direto com o poder. Nos anos anteriores, Graciliano tinha gritado, falado, escrito contra. Como prefeito de Palmeiras dos Índios e como responsável da instrução pública de Alagoas tinha começado a modificá-lo, o poder, a desconstruí-lo “ab interno”. Mas no cárcere o confronto com o poder é físico. A luta trava-se entre Fabiano e o soldado amarelo. E vale lembrar ainda a experiência interessante do Pavilhão dos Primários: a convivência com os comunistas de verdade, a solidariedade e a nobreza dos presos políticos impressionaram-no fortemente: “Realmente a desgraça

---

34 Uma pesquisadora da USP, Ieda Lebensztayn, está para publicar a correspondência ativa e passiva de Graciliano Ramos, com muitas cartas inéditas, que abrandariam o pessimismo do Mestre.

nos ensina muito”, confessa (Ramos, I, 1960, p. 89). A meu ver o cárcere mudou o homem e também a sua literatura.

Muitas são as novidades de *Vidas secas*:

1. é o seu primeiro e único romance *nordestino* e ganha seu lugar na literatura radical daqueles anos Trinta, na linha de autores como José Américo de Almeida (*A bagaceira*, 1928), Rachel de Queiroz (*O Quinze*, 1930), Amando Fontes (*Os Corumbas*, 1933) Jorge Amado (*Cacau*, 1933 e *Seara vermelha*, 1946). “Escritores rebeldes”, no dizer de Josué de Castro.<sup>35</sup>

2. sobre o câmbio da primeira para a terceira pessoa, da memória e da subjetividade para a objetividade e o distanciamento, lembro o crítico Álvaro Lins: “Não será isto um sinal de que antes deixava os personagens entregues à própria sorte, enquanto agora se identifica com os desgraçados nordestinos de *Vidas secas*?” (Lins, 1969: 36);

3. o texto torna-se absolutamente enxuto, sóbrio, econômico. Para Graciliano a sobriedade do estilo e a secura da linguagem são sinônimos de seriedade e moralidade. Rodolfo Chioldi, o militante argentino do Pavilhão dos Primários impõe-se-lhe antes e sobretudo pelo equilíbrio verbal que tornava “sérias” as suas palestras. A secura do estilo manifesta-se também através do progressivo predomínio da frase nominal, que proclama alto proibições, necessidades, asperezas de um retirante: “Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato”; “Difícil mover-se”; “Perigoso entrar na bodega”; “Indispensável ouvir qualquer som” (Ramos, 1961: 8, 93, 121, 148). Um estilo por sentenças, *à la manière* dos moralistas.

4. Os protagonistas de *Vidas secas* – Fabiano, Sinha Vitória, o menino mais velho e o menino mais novo, a saber uma família sertaneja qualquer, uma família severina –, contrariamente aos protagonistas dos primeiros três romances, são uns fortes, são uns vencedores, capazes de modificar o próprio destino e a própria vida. Cito: “[Fabiano] Olhou os quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas”; “Tenho comido toicinho com mais cabelo, declarou Fabiano desafiando o céu, os espinhos e os urubus” (Ramos, 1961: 21 e 151). Fabiano, o Capaneu nordestino, que desafia a Zeus. Depois de tantos

---

35 Vide: Josué de Castro, *Una zona explosiva: il Nordeste del Brasile*, trad. it. di G. Fofi, Torino, Einaudi, 1968, pp. 151-152 e também Giovanni Ricciardi, *Il cerchio di fuoco*, in Idem, *Avanguardia e stabilizzazione della coscienza creatrice*, Bari, Libreria universitaria, 1988, ps. 73-97

sofrimentos, depois de tanta fome e de tantos sonhos, a certeza da vitória. Todo lembramos aquela “Ode à Alegria”, e à esperança, que é a página final do romance:

Não sentia a espingarda, o saco, as pedras miúdas que lhe entravam nas alpercatas, o cheiro de carniças que empestavam o caminho. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra [...]. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias.

Realmente, e concludo, aquele acidente, aquele pormenor – o cárcere –, mudou completamente a ideologia e a escrita de Graciliano Ramos.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Carvalho, Ronald de. 1984. *Pequena história da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia.

Castro, Josué de. 1968. *Una zona explosiva: il Nordeste del Brasile*. trad. it. di G. Fofi. Torino: Einaudi.

Fonseca, Rubem. 1985. *Bufo & Spallanzani*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Lins, Álvaro. 1969. *Valores e misérias das Vidas Secas*. Prefácio a Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, São Paulo: Martins.

Ramos, Graciliano. 1960. *Memórias do cárcere*. São Paulo: Martins.

Ramos, Graciliano. 1961. *Vidas secas*. São Paulo: Martins.

Ricciardi, Giovanni. 1988. *Il cerchio di fuoco*, in Idem, *Avanguardia e stabilizzazione della coscienza creatrice*. Bari: Libreria universitária, ps. 73-97.